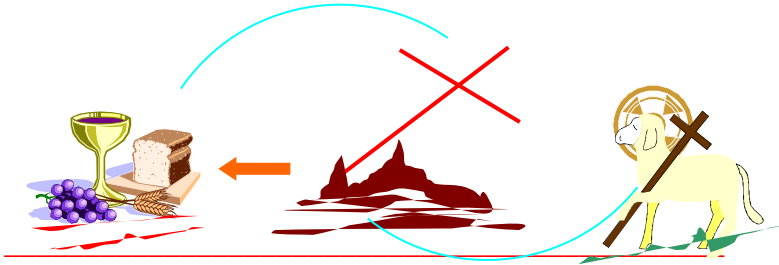


Eucaristia Páscoa do Senhor e Missão



Pe. Alfeu Piso

- a. **Mistério Pascal e Eucaristia.** Com muita tranquilidade afirmamos que a celebração eucarística é a renovação do sacrifício da cruz, enquanto a cruz já está iluminada pela experiência do ressuscitado. Essa afirmação já traz em si uma interpretação da violenta morte de cruz. Entre tantas mortes e tantas crucificações, a morte de Jesus é morte sacrificial e é evento cultural e salvífico, e, foi revelada como tal com a ressurreição. Na cruz há um *corpo entregue e um sangue derramado*. E se nos aproximamos do sacrifício da cruz, já estamos dentro do Mistério Pascal. É claro que a cruz sozinha não dá conta de seu sentido sacrificial e salvífico. Se chegarmos só até a cruz, ela não passa de fracasso e de escândalo, como tantas outras cruces e crucificados. É preciso dizer que o crucificado é Jesus de Nazaré e que foi ressuscitado por Deus e vive. Pois, sem a afirmação da ressurreição, não haveria possibilidade de ver nada de positivo na cruz, nem precisaria esforço para ver, pois, sem a ressurreição do crucificado, a cruz teria ficado perdida entre tantas outras, e muito menos haveria possibilidade de eucaristia, no sentido que lhe dá a Igreja.
- b. **Eucaristia e Mistério Pascal.** Não é uma relação fácil de se estabelecer, se não voltarmos às origens, já pelo visual que envolve a celebração eucarística, sempre um visual higiênico, estético e festivo e o visual que envolveu o sacrifício da cruz, no

seu momento histórico, certamente pouco agradável aos olhos e que só encontrou estética nas obras de arte. Mas a relação existe. E existe porque o próprio Jesus estabeleceu essa relação.

- c. **O acesso ao Mistério Pascal através da Eucaristia passa pela linguagem.** Não só a relação deve ser esclarecida, mas a compreensão da relação e a compreensão da própria linguagem com que se expressa tudo isso. A linguagem envolve categorias pouco quotidianas para nós, como *Páscoa*, *sacrifício*, *aliança*, *sacerdócio*, *memória* etc. Fora da cultura bíblica, é difícil saber o que dizem essas categorias, quando aplicadas a Jesus. Por isso, o pouco conhecimento da eucaristia decorre, em boa parte, devido a pouca familiaridade com a linguagem que a expressa, decorrentes do pouco conhecimento da Escritura e de uma catequese precária ou inexistente.

Ou se insistir em falar da Eucaristia, faltando aos ouvintes um conhecimento mais articulado de Jesus. A linguagem sobre a Eucaristia é habitualmente usada, supondo conhecido seu sentido. A necessidade do conhecimento da Escritura decorre não só porque a fé se relaciona com a Palavra de Deus em termos de origem e de conteúdo, mas por questão cultural, por uma questão de linguagem. É difícil traduzir em termos atuais o sentido do que é dito na cultura bíblica.

- d. A reflexão sobre a Eucaristia como celebração por excelência do Mistério Pascal, ou, a relação da Eucaristia Mistério Pascal, deveria vir precedida por uma boa reflexão sobre o evento pascal, seguindo as narrativas bíblicas sobre esse evento. Contudo, mais uma vez vamos supor conhecidas essas narrativas, pois, nem sempre é possível incluir tudo num único discurso. E justamente, por sempre supor, e sempre ter de reconhecer que falta uma catequese sistemática sobre o Mistério Pascal, que no fim a gente tem de reconhecer que a celebração eucarística não tem rendido o que o evento originário do Mistério Pascal rendeu. Um estudo das narrativas do Mistério Pascal nos leva a ver o mistério da eucaristia incluído no Mistério Pascal, pois, a narrativa da última

ceia, ceia de despedida, inclui a eucaristia como Páscoa do Senhor e essa narrativa nos evangelhos introduz a grande narrativa da paixão, seguida das narrativas sobre o ressuscitado. O nosso povo, porém, tem contato com a narrativa litúrgica, isto é, com os mistérios da vida cristã, enquanto aparecem nas celebrações da Igreja, principalmente enquanto aparecem ligados à celebração eucarística, por ser a celebração mais freqüentada pelo povo e quase a única que ainda consegue reunir a comunidade habitual; pois, as outras celebrações, todas, querem ser pascais, mas na forma como acontecem não são percebidas como tais, configurando-se mais como ritos religiosos e sociais ou cerimônias religiosas.

- e. **A Ceia do Senhor está liturgicamente incluída no Mistério Pascal.** Vamos partir da celebração do tríduo pascal. O tríduo pascal, os três momentos da única grande celebração pascal, tem seu início na celebração memorial da ceia do Senhor, quinta feira santa, passa pela celebração do mistério da paixão e morte do Senhor na sexta feira e tem seu ápice na celebração da vigília pascal no sábado santo à noite, que se liga com o domingo da Ressurreição. Aí a eucaristia aparece como antecipação de todo Mistério Pascal e instituída para ser o mesmo Mistério Pascal para o tempo da Igreja.

O que a Igreja celebra nesses dias? Celebra o acontecimento testemunhado e anunciado pelos Apóstolos, isto é, o acontecimento do querigma, aquele acontecimento que realiza em nosso mundo o evento salvífico por excelência, evento ligado a Jesus de Nazaré, o crucificado e ressuscitado por Deus. *Aquele Jesus que vocês mataram, suspendendo-o no madeiro da cruz, Deus o ressuscitou dos mortos e o constituiu Cristo e Senhor* (At 2). É o acontecimento que cristificou o mundo e cristificou o mistério de Deus.

Não é simplesmente uma celebração que faz lembrar coisas do passado. Celebração é memória de um evento salvífico que se deu num determinado tempo e lugar, mas sendo um evento único e do qual todos devem participar para chegarem ao triunfo da vida, é

um evento permanente. E pode ser permanente, porque o próprio Jesus criou a forma de torná-lo permanente e acessível a nós e dá sua assistência sacerdotal ao evento eucarístico, como Senhor glorificado.

Explicitemos um pouco mais o que seja **anamnese**. Anamnese = recordação, memória. Não no sentido de uma memória ou recordação psicológica, ou seja, de um retirar informações dos arquivos da memória e fazer aflorar as experiências vividas. Anamnese não como simples recordação do passado, como passado. Aqui tomamos o termo no sentido em que aparece na Bíblia e na Liturgia. No sentido bíblico e litúrgico, anamnese ou memória, envolve a recordação do passado, uma vez que a fé cristã tem raízes históricas, mas não se prende ao passado. Tem referência ao acontecimento histórico fundador, mas não é volta ao passado. É a atualização do potencial salvífico daquele ato em nosso hoje. Em nosso caso, é atualização da missão de Jesus. A missão de Jesus continua e acontece hoje e nos envolve pelos atos missionais da Igreja. E isso se torna possível pela profissão de fé pascal: Deus ressuscitou o crucificado, Jesus de Nazaré. Ele vive e está no meio de nós, atuando pela força do Espírito Santo, ou seja, em seu corpo glorificado pelo Espírito. Ele está no meio de nós, não só na liturgia, mas em toda ação missional e pastoral da Igreja: “Eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. De tal forma que toda atuação da Igreja em nome do Senhor, e em obediência amorosa ao seu mandato, é atuação do Senhor mesmo na Igreja e pela Igreja. E isso quer dizer, em toda a atuação da Igreja, permanece o potencial salvífico dos atos do Senhor Jesus, porque ele está vivo. Fazendo memória do Senhor, nós não nos tornamos contemporâneos do Senhor, mas o Senhor se faz contemporâneo nosso e nos envolve na decisão salvífica.

Jesus cuidou para que o mistério de sua Páscoa chegasse até nós. E chegasse a nós, não de uma forma puramente interior, numa fé escondida, mas de uma forma visível e acessível, mediante um rito representativo do mesmo mistério. É a forma sacramental.

- f. Jesus e os discípulos se inserem na primeira Páscoa.** O clima da ceia da instituição da eucaristia é pascal. Os próprios discípulos se preocupam com a refeição pascal. E Jesus desejava ardentemente comer esta Páscoa com eles antes de morrer (Lc 22,15). E Jesus envia alguns de seus discípulos para prepararem a

feita da Páscoa. Ele ia celebrar a Páscoa com seus discípulos (Mc 14, 12s). E certamente todos sabiam o que queriam celebrar. Queriam celebrar a Páscoa instituída no evento pascal do Êxodo (Ex 12,14). E, estando à mesa, sem perder nada da Páscoa veterotestamentária, Jesus surpreende, colocando um novo conteúdo e um novo sentido à ceia pascal. A figura se torna realidade.

- g. Jesus preside a ceia e nisso já tem novidade.** É Jesus quem preside o acontecimento: é ele quem toma o pão e o vinho, dá a bênção, parte e partilha entre todos. Presidir é assumir o lugar do pai de família ou de irmão mais velho, o primogênito. Essa presidência não é indiferente. Ela significa que Jesus está instituindo e assumindo o grupo de discípulos como sua família: “meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3,35) ou “amigos” (Jo 15,15). Ele é agora o *primogênito* entre muitos irmãos e irmãs. Unindo os gestos de presidência com o gesto de incorporar a comunidade dos discípulos, dando a comer o pão eucaristizado e pascalizado em seu corpo, então temos aí a instituição ou criação do corpo da Igreja, corpo que vem sendo formado desde a vocação dos discípulos e discípulas e que virá à luz, quando esse corpo receber o sopro de vida no Pentecostes (Jo 20,19s; At 2,1s; cf. Gn 2.7).
- h. Jesus tomou o pão e tomou o cálice em suas mãos.** Não é um gesto indiferente, mas cheio de sentido. Tomar com as mãos é incorporar, é diferenciar a realidade e tirá-la do seu primeiro nível de sentido e transferi-la para um novo nível de sentido. É fazer com que o pão e o vinho, sem deixarem de ser pão e vinho, sejam extensões de seu corpo e possam gozar de toda a interioridade de que gozam os outros membros do corpo. Por isso, ele pode dizer *isto é o meu corpo, este é o cálice do meu sangue*. O pão e o vinho passam a fazer parte de sua humanidade filial. É um gesto semelhante ao que fazemos, quando entre dezenas de flores, elegemos uma e a incorporamos para ser sinal comunicativo de nossos sentimentos interiores para com outra pessoa. Pão e vinho passam a ser sacramento do corpo entregue e do sangue derramado.

- i. **Pão-vinho = corpo e sangue = totalidade da pessoa.** Agora, o pão e o vinho incorporados recebem a qualificação da totalidade do corpo que o incorpora: são corpo e sangue. Mas são corpo entregue por vós e sangue da nova e eterna aliança, derramado por vós e por todos. Corpo e sangue são a totalidade da pessoa. Jesus põe no pão e no vinho a totalidade da sua pessoa e da sua vida, “*amou-nos até o fim*” (Jo 13,1), sem nenhuma reserva de si mesmo, nem de sua humanidade nem de sua divindade, uma vez que em Jesus o humano e o divino são *um e o mesmo*. A sua humanidade entregue é a humanidade do Filho. E nessa sua humanidade filial que incorpora toda humanidade, o Filho se entrega ao Pai “*e agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti, antes que o mundo fosse criado*” (Jo 17,5).
- j. **Jesus interpreta o seu amanhã.** Então, Jesus estava ritualizando um evento, que só aconteceria no seu amanhã. O que estava no fundo de suas palavras e gestos já não era a Páscoa do Êxodo. Tanto que desaparece o seu simbolismo principal, o cordeiro pascal. Desaparece o símbolo porque aparece a realidade representada e anunciada nele. A Páscoa antiga era o cenário, o ponto de apoio. Mas algo novo estava acontecendo. O sentido do evento pascal estava sendo transferido para o amanhã de Jesus, onde ele se realizaria plenamente. Jesus, portanto, estava criando um novo evento pascal. E este teria seu clímax no amanhã de Jesus. E essa seria a forma do mistério pascal para o tempo da Igreja até o fim dos tempos.
- k. **Jesus traz para dentro da ceia o evento pascal.** Jesus estava antecipando ritualmente o evento pascal, trazendo para dentro da ceia pascal o evento da sua morte e interpretando-a: *corpo entregue e sangue derramado*. Está criando um rito para perpetuar o evento. O evento da cruz estava sendo trazido para o evento pão e vinho: *corpo entregue e sangue derramado*. *A Páscoa se faz Eucaristia*. Corpo entregue e sangue derramado é acontecimento da sexta feira, ritualizado agora na quinta feira como evento pascal da nova aliança. O evento do corpo e sangue torna-se o

evento do pão e do vinho na ceia presidida pelo Senhor. Antecipa a sexta feira, interpreta-a como morte sacrificial e salvífica. O que supõe em Jesus uma inabalável intuição e confiança de que sua morte na cruz não seria o fim de tudo, mas que o Deus do Reino, Deus da vida, o *Abbá* de sua vida, lhe reservava uma surpreendente vitória sobre a morte, o que foi depois experimentado como ressurreição. Pois, sem a ressurreição nada disso teria aparecido, perder-se-ia a própria cruz e menos ainda haveria possibilidade de haver corpo real na Páscoa ceia. Pois, a Páscoa ceia é dada para ser memória, acontecimento permanente para a comunidade dos discípulos e discípulas. E o evento do pão e vinho na ceia só continua a ser Páscoa, porque é o protagonista da Páscoa evento histórico que cria a Páscoa rito e continua, associado à Igreja, protagonizando-a sacerdotalmente: *fazei isto em minha memória* (cf Hb 4,14 ss; 8, 1ss; 9,23ss).

Na verdade, o corpo foi entregue na cruz e o sangue derramado na cruz. Entregue *por vós* e derramado *por vós e por muitos*, numa atitude de obediência amorosa e livre. Entregue a alguém, este alguém era o Pai e, nesse corpo entregue, está incorporada a comunidade de seus discípulos, semente da nova humanidade.

- I. **Sangue da nova e eterna aliança.** A Sagrada Escritura fala das muitas alianças que Deus ofereceu aos homens (Gn 9,8s; Gn 15,1s; Ex 19,1s). Mas vamos recordar aquela aliança que criou o antigo Povo de Deus. A aliança do Monte Sinai (Ex 19 - 24). Deus se propõe a participar da vida do Povo: *“Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo”*.

Na narrativa da celebração da aliança, chega-se ao sentido mais profundo dela. Moisés matou um touro, ofereceu parte do seu sangue a Deus, no altar, e parte do mesmo sangue aspergiu sobre o povo, dizendo: *“este é o sangue da aliança que Deus faz conosco”* (Ex 24,1-8). O mesmo sangue é oferecido a Deus e aspergido sobre o povo. Então se cria certa consangüinidade, isto é, comunhão de vida entre Deus e os homens. E os membros do povo também se unem no mesmo sangue aspergido: povo de irmãos. Isto é a aliança, ou seja, a comunhão dos homens com

Deus e dos homens entre si (consangüinidade). Essa a primeira aliança criadora de um povo, ainda sombra e prefiguração do que há de vir (cf Hb 10,1ss).

Deus sempre foi fiel. Sempre foi uma presença salvífica na vida do povo. Contudo, o povo nem sempre foi fiel a Deus. E além do mais, a aliança do Sinai não era a aliança definitiva. Era como que um primeiro ensaio que Deus fazia com o povo, na forma como o povo podia compreender no momento. Por isso, ele anuncia pelo profeta Jeremias: *"firmarei uma nova aliança com as casas de Israel e Judá"* (Jer 31,31s; cf. Ez 36,27).

Agora, Jesus diz que, seu sangue derramado e dado a beber, é a nova aliança. Dado a beber, não só aspergido. Nova e eterna, pois, não haverá outra (cf Hb 9,28). Nem pode haver outra, pois, esta chegou ao nível máximo tanto da parte de Deus como da parte do povo (cf Hb 8,6). Esta é a única forma pela qual os homens podem ter comunhão com Deus e comunhão entre si. Única e insuperável.

- m.** Que sangue é este que é derramado e dado a beber? É o sangue do Filho. Sangue é vida. É sangue do corpo entregue. Quem dá o sangue dá a totalidade da vida. O Filho, em obediência amorosa e livre, entrega seu sangue e sua vida aos homens: *"tomai e bebei"*. Assim Deus e os homens estão unidos numa consangüinidade, num parentesco. E Deus aí diz: "Eu sou vosso Pai e vós sereis meus filhos". Mas também todos aqueles que recebem o mesmo sangue, ficam consangüíneos, incorporados à filiação de Jesus, isto é, se tornam irmãos. Uma família de irmãos e irmãs, tendo Deus como Pai de todos. *"Eis como deveis rezar: Pai nosso que estais no céu ..."*

Esta é a aliança definitiva. Deus a confirma e aceita, ressuscitando Jesus dos mortos. Aceita como filhos e filhas todos aqueles e aquelas a quem seu Filho deu seu sangue. A partir daí, só terão comunhão com Deus aqueles que tiverem comunhão com o Filho.

Fazei isto em memória de mim! A atualização desse acontecimento só é possível, porque Jesus ressuscitou, está vivo e presente conosco, em seu corpo e sangue glorificados. Hoje ele pode fazer isso, porque permanece o mesmo: o ressuscitado com as marcas da cruz em seu corpo glorioso.

- n. **Os discípulos só entendem depois.** É mais do que provável que a comunidade dos discípulos não estivesse entendendo tudo o que Jesus dizia e fazia. Entendia provavelmente parte de tudo aquilo. Em cima do rito da Páscoa do êxodo Jesus põe a sua Páscoa, não anulando, mas plenificando a primeira: a Páscoa da Nova aliança (cf Mt 5,17). Isso a comunidade dos discípulos só entendeu depois.
- o. **O novo mandamento irmão gêmeo da Eucaristia.** O evangelista João não narra a instituição da eucaristia. Supõe a prática da eucaristia, que não precisa mais ser justificada pela narrativa de sua instituição. Mas dada a tendência de espiritualizar e de intimizar muito a eucaristia, esquecendo sua dimensão corpórea e eclesial, João recupera elementos inseparáveis da eucaristia. Sobre a realidade corpórea da eucaristia, carne e sangue, João desenvolve no capítulo 6. A eucaristia pão e vinho, *corpo entregue e sangue derramado* tem tudo do nosso mundo, inclusive o calvário de nosso mundo, mas tanto no pão corpo, como no vinho sangue está também o máximo do mistério de Deus, pois, tudo se refere à humanidade do Verbo de Deus.

E na mesma ceia em que Jesus traz para o pão e vinho o seu corpo entregue e o seu sangue derramado, ele se veste com *avental* (Jo 13,1s). Interpreta a ceia eucarística como celebração fraterna e antecipa o sentido do novo mandamento (13,34-35) como serviço na caridade. “*Dei-vos o exemplo, para que como eu vos fiz, assim façais também vós*” (13,15). E isso corresponde ao dito sobre o pão e o vinho “*fazei isto em minha memória*”. O novo mandamento é o irmão gêmeo da eucaristia e é nessa dupla dimensão que a Igreja deve fazer a memória da Páscoa do Senhor. A caridade da eucaristia passa a ser partilhada na caridade

fraterna. O corpo que comunica a filiação passa a criar corpos de irmãos e irmãs.

- p.** Isto quer dizer que nossa aliança com Deus não pode ser somente a união na celebração da ceia eucarística, mas deve ser união de vida. A eucaristia, a comunhão com Cristo no altar, nunca está longe do novo mandamento. Não se pode ter a Deus como Pai, se não se tem os outros como irmãos (cf 1Jo). Aliança é celebração, e, é um novo modo de viver a vida de cada dia no relacionamento com Deus e com os outros. O novo mandamento, amar com a caridade com que Cristo nos amou (Jo 15, 9), é pascalizar a vida, consagrando o outro como irmão e irmã e professando a Deus como Pai. O novo mandamento se faz assim a outra metade do pão eucarístico, irmão gêmeo da eucaristia, memória da Páscoa do Senhor.
- q.** **A celebração eucarística é a celebração da Páscoa do Senhor.** O mesmo Jesus traz para dentro da ceia pascal a sua Páscoa, cujo ápice é o corpo entregue e o sangue derramado para a vida do mundo. Por isso que *todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice anunciamos a morte do Senhor até que ele venha* (1Cor 11,26). A eucaristia é memória do Senhor e é antecipação da grande festa da vida na eternidade (Jo 6,54.58), festa iluminada pela luz da glória de Deus e alimentada pela caridade divina. É a síntese do tempo e articulação do tempo com a eternidade. É onde o *sexto e o sétimo* dias da criação se unem para serem o *oitavo dia*, em que Deus será tudo em todos (1Cor 15,28).
- r.** **No Mistério Pascal está a raiz da vida cristã.** Tudo que traz o selo de cristão começa aí. Aí Jesus de Nazaré, o crucificado, foi constituído ou revelado pela ressurreição como Cristo e Senhor. Aí a comunidade dos discípulos e das discípulas de Jesus se torna cristã. Aí nasce a Igreja. A comunidade messiânica que segue Jesus se transfere para a comunidade cristã: Jesus é o Cristo e

Senhor. E Jesus constituiu a sua Igreja como herdeira de sua missão: serviço, testemunho, anúncio.

- s. **Se é assim, as nossas celebrações eucarísticas devem render mais.** Se é assim e, se o Mistério Pascal foi transferido para a Eucaristia e para o novo mandamento, então as nossas celebrações eucarísticas e as nossas experiências fraternas devem render muito mais. Devem render tanto quanto rendeu o evento pascal originário e histórico. A eucaristia e a vivência do novo mandamento hoje tem de levar a comunidade às experiências originárias e recriar na comunidade o que o evento pascal criou no seu momento histórico.

- t. Quando nos aproximamos das narrativas bíblicas do evento pascal, sentimos que este evento rendeu para nós o mistério da Igreja, ou seja, é o evento criador da Igreja. Nele, no seu primeiro momento de paixão e morte, a comunidade messiânica dos discípulos de Jesus, se dissolveu socialmente, deixou de existir e morreu na morte do Mestre. Mas logo fez uma nova experiência, a experiência do crucificado Ressuscitado, que vem ressuscitar a comunidade e celebrar com ela o triunfo da vida (Jo 20). E vem pneumatizar a comunidade com o mesmo Espírito que pneumatizou a sua humanidade filial, glorificando-a e incluindo-a para sempre no Mistério Trinitário. *“Jesus soprou sobre eles, dizendo-lhes: recebei o Espírito Santo”*. Se a comunidade dos discípulos recebe o Espírito, ela mesma é incluída na filiação de Jesus, pode amar com a caridade divina, e é incluída no envio e na missão do próprio Jesus. Como o Filho foi enviado, assim a Igreja, comunidade dos discípulos e das discípulas, é enviada. E do Ressuscitado que a Igreja ouve: *“Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós” (Jo 20,21); “sereis minhas testemunhas até os confins do mundo” (At 1,8); “Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho” (Mc 16,15)*.

- u. Portanto, compreender a relação do Evento Pascal e Eucaristia, é compreender, na raiz, que a Eucaristia é o momento culminante de

toda experiência de Jesus, como Cristo, Senhor. Cada vez que a comunidade se põe à mesa eucarística, ela de novo se faz Igreja e saindo da celebração da eucaristia, a comunidade dos discípulos sai testemunhando “*vimos o Senhor*”, “*nós o reconhecemos ao partir do pão*”. Sai de avental, pneumatizada com o sopro do Ressuscitado, e, banhada pela sua caridade divina, pronta para todo serviço à vida, disposta a seguir o exemplo do Mestre: “*eu vos dei o exemplo, para que façais o mesmo*”. A comunidade sai com o “*coração abrado*” pela Palavra e com os ouvidos ardendo com a graça do mandato missionário.

- v. **A celebração da eucaristia como Páscoa do Senhor precisa render muito mais do que rende.** Cada celebração eucarística deveria ser um verdadeiro encontro com o Ressuscitado, apalpando em seu corpo as feridas da cruz e celebrando o triunfo da vida. Sair da celebração eucarística recriada na sua identidade, reconfigurada pelo Mistério Pascal, consciente de sua origem e de sua missão.

E aí surgem algumas perguntas: o que acontece com nossas celebrações eucarísticas, que parecem tão distantes do evento pascal, e, que suscitam tão pouco entusiasmo fraterno e missionário, ao menos do ponto de vista social da vida cristã, pois, do ponto de vista pessoal, é difícil medir que tipo de experiência cada um faz na sua missa? Que notícias, que boa nova, os participantes de missa levam para a cidade? O que fazer para restituir à eucaristia e ao novo mandamento a intenção e o desejo de Jesus de ser o momento de sua presença pascal à comunidade e por ela ao mundo?



Nós vimos o Senhor!

Comemos e bebemos com Ele.

E Ele nos disse:

Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho!